INSTITUTO CULTURAL

Lux et Sapientia

# Os Santos que Abalaram o Mundo

## São Francisco de Assis

Professor Luiz Gonzaga de Carvalho Neto.

Aula de 17 de fevereiro de 2008.

Transcrição feita por Stephanie Podbevsek Ferro.

www.icls.com.br

# Parte I

Professor: O que vocês acharam até agora? Quais são as impressões, os fatos que mais marcaram [sobre São Francisco de Assis]?

Aluno: Pessoalmente, ele foi o mais impressionante. Ele está tão afastado da nossa realidade e renunciando a tudo ele acaba se tornando o homem mais poderoso da humanidade.

Professor: Talvez ao final da aula nós acreditemos que ele não é tão afastado da nossa realidade quanto imaginamos.

Aluno: Para mim foi o mais difícil de todos até agora.

Professor: Por quê?

Aluno: Acho que porque é o mais distante.

Professor: De fato, é difícil nós concebermos uma forma de vida exterior

mais diferente da nossa forma de vida do que a de São Francisco. Até a vida de um monge contemplativo, que tem uma vida num mosteiro, tem alguma semelhança estrutural com a nossa. Num mosteiro contemplativo ele tem certas disciplinas, acorda certa hora, realiza determinadas operações com regularidade, tem um teto. A estrutura fundamental da vida é muito semelhante a nossa.

Os franciscanos originais, os frades menores na sua primeira geração, de fato agiram completamente diferente do que nós pensamos. O interessante é que essa vida é completamente diferente do ponto de vista exterior, mas ela não é tão diferente de outras formas de vida cristã na sua essência e no seu núcleo.

Tem duas coisas que caracterizam a vida de São Francisco e que tem que ser entendidas pra nós podemos entender o que foi a vida dele.

Não é difícil entender que foi um grande santo, que foi um santo até sem precedentes, ele nos dá uma medida da vida cristã. Mais cristão do que isso ninguém pode ser; ele não tem inspiração em outro ser humano. De fato, ele serve de medida da vida cristã, mas não apenas no sentido da exemplaridade ou do heroísmo das suas virtudes, na opção da extrema forma de vida, principalmente porque ele estabelece na vida dele certos critérios de vida cristã.

A primeira coisa que nós temos que entender é que São Francisco nasce no auge da sociedade cristã.

Para vocês terem uma idéia de como a sociedade era cristã na época de São Francisco, na geração anterior a dele, numa cidade próxima a Assis, teve um certo dia do ano em que passou um peregrino pela cidade e teve de pousar lá por uma noite e ninguém deu abrigo. No dia seguinte, a notícia correu até os ouvidos do bispo e ele ficou tão escandalizado que correu até a cidade e impôs sete dias de jejum para a cidade inteira, porque eles não tinham dado abrigo para um peregrino. É difícil conceber uma sociedade mais cristã e a cidade inteira aceitou, todos acharam justo. Para eles era evidente que em algum momento Cristo foi peregrino, de Belém até o Egito e depois de volta. Essa associação dos eventos da vida social com os eventos da vida do Cristo era quase que natural e espontânea, então essa medida era onipresente.

A segunda coisa é que durante os primeiros quatro séculos da história cristã após São Francisco, era muito evidente para as pessoas quando liam sua vida que se tratava de um grande santo. Nos séculos mais recentes, o pessoal tentou entender o que diferenciava São Francisco dos outros no ambiente cristão. Então, teólogos, padres começaram a coletar o máximo de dados sobre a época para tentar explicar o fenômeno e tiveram muita dificuldade para explicar. É interessante porque uma pessoa que tivesse uma educação budista ou hindu mataria a charada imediatamente acerca de São Francisco.

Um hindu imediatamente diria que se tratava de um avatar a menor. Um avatar significa um enviado do céu. A santidade dele não é o fruto de um trabalho de um indivíduo para chegar ao céu, a própria vida dele, desde o começo já é uma missão divina.

Quais são as coisas que caracterizam isso?

Primeiro: segundo o testemunho unânime dos confessores de São Francisco desde a juventude, ele nunca cometeu um pecado mortal, o que é muito incomum, especialmente levando a vida que ele levava. Até a juventude ele levou a vida de um Xudra[1], trabalhando servilmente para o pai durante o dia e a noite ia fazer festa com os amigos. Nisso aí, em servir a sociedade e receber algum beneficio, a alma dele encontrava algum equilíbrio. Esse período era como a prolongação da infância, pois ele fazia isso com a inocência de uma criança, apesar de já ter seus dezessete ou dezoito anos de idade. Até o momento, não sei se vocês lembram na biografia dele, o momento em que desencadeia a crise quando passa um mendigo em frente à loja. Quando isso acontece, gera um conflito na mente dele. Isso aumenta certos conflitos que ele já tinha com o pai. O pai dele via que ele não poderia herdar o seu negócio, que ele não servia para tocar adiante.

Essa situação conjunta vai aumentando até que um dia passa um mendigo na frente da loja e ele dá uns tecidos de graça para o mendigo e o pai dele faz um escândalo tremendo. Ele simplesmente se dá conta de que ele não pode ser aquela pessoa que ele é. Veja bem, até então, o mundo dele era um mundo paradisíaco, ele servia a seus pais um pouco e depois se divertia, isso é uma prolongação exata da infância. Pouco mudou na vida dele dos dois aos dezessete anos. A partir dos dois anos de idade a vida dele foi uma e continuou assim.

Nesse momento ele percebe na intimidade do seu ser que ele não se identifica efetivamente com a casta xudra, não obviamente com esses termos, pois ele não era um sujeito muito ilustrado. Ele percebe, de repente, que existe nele uma compaixão para com os miseráveis que não é característica dos servos. A pessoa de índole servil geralmente é insensível. De repente ele percebe que aquele equilíbrio que ele tinha era temporário e não um equilíbrio intimo da alma dele.

Uma pessoa de índole servil, se ela tivesse um emprego na loja e sobrasse dinheiro para ela fazer festa a noite, ela passaria feliz a vida toda, não importa quantos mendigos passassem na frente dela, isso nunca geraria nenhum fator de desequilíbrio. Quando ele percebe isso, ele simultaneamente percebe que não pode ser um Vaishya[2]. Ele não tem como se dedicar à acumulação de riquezas, porque isso também não está escrito na índole dele.

Ele começa a se perguntar qual é o sentido da sua vida. Então, acontece que ele simplesmente vai seguindo os extratos da sociedade medieval, que são mais ou menos os extratos da sociedade hindu e que são simplesmente os extratos da humanidade. Ele pensou que talvez Deus quisesse que ele fosse um grande guerreiro.

É interessante que o tempo todo para ele, está claro que essas coisas são dharmas, deveres que você tem que cumprir para com Deus e para com os seres humanos. Quando ele trabalhava com o pai dele e depois fazia festa, ele pensava que tinha um dever para com a sociedade e para com Deus, e ele cumpria esse dever trabalhando na loja com o seu pai. Nada gera mais paz para um ser humano do que o cumprimento do seu dharma, quer dizer, do sujeito saber que ele cumpriu seus deveres.

A essência do dharma servil consiste na predisposição para a obediência. Até o momento do mendigo, ele obedecia aos pais com naturalidade e após ele percebeu que não era possível fazer isso sempre, de modo que a obediência não era o centro da vida dele. Ele imediatamente se pergunta se ele tem que ser igual o seu pai.

O pai dele, sendo da segunda casta, não tem como centro de sua vida a obediência. O centro da vida do pai dele, ou do empreendedor, ou do negociante não é a obediência. O centro de sua vida tem nome, é a raiz de toda e qualquer excelência profissional, se chama probidade. A probidade consiste numa virtude que tem duas pernas: a competência e a necessidade. Um profissional que for competente e honesto é um homem probo, um sujeito com o qual vale a pena fazer negócios. O sujeito probo é sempre um fator de prosperidade na sociedade.

---

1 Também chamado de "Shudra". Os Xudras, ou Shudras, pertencem à classe dos trabalhadores no sistema de castas hindu.
2 Os Vaishyas pertencem à classe dos negociantes.

São Francisco logo vê que isso não é possível, pois ele não é competente como seu pai e sua honestidade é de outro tipo. É uma honestidade que o leva, de vez em quando, a dar tecido para os mendigos. Isso ele capta rapidamente e nem tenta cumprir esse dharma.

Ele pensa que talvez sua vocação seja a guerra[3]. Talvez ele tenha que defender sua cidade contra seus inimigos. Então seria um dharma nobre, o centro do dharma guerreiro é a nobreza. Ele tenta fazer isso, arruma equipamentos de cavaleiro e parte para guerrear com a cidade vizinha. Imediatamente é preso e jogado num buraco, onde ele cai doente, e percebe que não é esse o seu dharma. Agora eu não me lembro se é antes ou depois de ser preso, ele cruza com um cavaleiro muito pobre, e vê que seu equipamento é muito melhor que o do outro cavaleiro, mas vê também que o outro é um cavaleiro mesmo e entrega seu equipamento a ele.

Com a mesma naturalidade que não ocorreu para ele de se tornar como seu pai, não ocorre de se tornar um sacerdote ou um monge, se tornar um membro da hierarquia eclesiástica, porque isso também envolve competências que ele concebe como estando além da dele. É nesse momento de vazio, em que ele pensa que no mundo só existem quatro dharmas, quatro vocações e ele não tem nenhuma delas, pensa que não serve para nada, e então ele ouve Cristo falar com ele. Cristo diz; "Vai e reconstrói a minha igreja". Ele ouve a voz saindo de uma imagem crucificada.

Ele pensa: "Ta bom, eu não sirvo para nada, mas isso eu posso fazer". Ele lembra que têm uma igrejinha caindo aos pedaços ali perto. Ele jamais pensaria que isso seria uma reforma da cristandade. Isso iria contra a natureza dele.

É importante entender isso. São Francisco de fato não corresponde a nenhum dos quatro dharmas, ele corresponde a uma categoria que os hindus predizem e que eles dizem que nos nossos tempos é muito raro. Eles dizem que existem alguns homens denominados Hamsa, que são homens primordiais, que são como Adão era no paraíso, e que nascem mais ou menos assim. São homens cuja índole mais íntima desde o início da vida é a aceitação de Deus.

Veja bem, para o servo, o centro do servo ele não encontra nele mesmo, mas sim na obediência a alguém que tem um dharma superior ao dele. A segunda casta, os Vaishyas, encontra seu centro em si mesmo, na profissão que exerce, então o seu centro é a probidade. Enquanto o seu comportamento for voltado para isso, pelo desejo de se tornar mais competente, mais honesto e zelar pelo seu bom nome e prosperar, o sujeito tem um centro.

O que caracteriza esse "ter um centro"?

Essa capacidade de encontrar um centro e fazer daquele elemento, de fato, um centro da vida do sujeito é o que distingue o ser humano dos animais. Os animais podem acidentalmente obedecer a um animal mais forte, mas ele não pode fazer da obediência o seu centro, ele não pode tomar a decisão de fazer da obediência o centro sistemático da sua vida. Ele vai estar o tempo todo procurando oportunidades de bater no outro, ou fugir. Também um animal pode acidentalmente encontrar uma técnica mais eficaz para realizar as operações que os outros da sua mesma espécie realizam. Um leão pode encontrar uma técnica mais eficaz de caça que os outros leões em torno dele não tem. Mas ele não pode fazer uso sistemático dessa técnica e transmitir para outros leões. A probidade também não pode ser um centro para ele, ele não pode ser honesto ou desonesto. A palavra "honesto" é compatível com o animal, ele é sempre fiel a sua espécie.

O interessante é que todas as possibilidades humanas são possibilidades

para os animais, exceto a possibilidade de sistematizar. Um animal pode obedecer a outro, pode descobrir uma técnica superior, pode ter sentimentos nobres, e pode até mesmo ter intuições do absoluto. Se não fosse assim, os pássaros não iriam ouvir a pregação de São Francisco, mas nenhuma espécie animal pode dizer que teve uma intuição do absoluto e vai organizar a vida segundo o dharma da sabedoria. Ele não vai pensar que tem sentimentos nobres e organizar a vida segundo o dharma da nobreza, ou tem uma habilidade que os outros não tem e vai organizar a vida

3 Os Vaishyas pertencem à classe dos negociantes.

segundo o dharma da probidade, ou só tem força física e vai obedecer alguém que sabe mais do que ele. Essa habilidade é a marca distintiva do ser humano, isso é racionalidade. Racionalidade consiste no sujeito construir a vida em torno de um centro, de certos atributos centrais que são suficientes para guiar todo o comportamento dele e para criar um tipo que é distinto da mera animalidade.

Para todos os outros animais, o centro sempre será a satisfação das suas necessidades mais imediatas. O que caracteriza o estado humano é fazer de outra coisa o centro. É a capacidade, num certo sentido, de construir, de moldar a si mesmo, a partir de uma idéia central. O homem, ao contrário dos animais é muito mais co-autor da sua própria vida. O animal contribui muito pouco no roteiro da existência dele, é a norma da espécie e o ambiente em que ele se encontra que determinam a essência da trama. No homem não é assim.

Aluno: Mas é mais no sentido de ter a potência para fazer isso. Não é certo que tenha consciência.

Professor: Sim, ele tem essa capacidade. E não é certo que ele tenha consciência, embora a maior parte das pessoas tenha consciência disso em alguma medida. O que as pessoas não têm hoje, como elas não tem uma educação explicando para elas o que é o ser humano, o que diferencia o ser humano do animal, elas não se dedicam sistematicamente a descobrir o seu dharma e a cumpri-lo. É simplesmente isso. Então, o que acontece é que o dharma delas fica como um elemento meio subconsciente na vida, que guia a pessoa de modo indireto, não através da reflexão. O profissional nunca pára e pensa que ser um bom profissional consiste em ser probo, e que ele deve fazer de tudo para conseguir a probidade.

Essa capacidade de criar um tipo que era só uma inclinação inicial é o que distingue o ser humano. Isso é racionalidade e é por isso que as pessoas que cumprem o seu dharma são felizes. O que caracterizam elas é a felicidade, isso é, a máxima posse de si mesmo.

Aluno: Está muito claro, mas ainda acho que é só uma potência.

Professor: Isso é só uma potência. Para que a maior parte das pessoas efetive isso, é necessário uma série de condições culturais. É preciso que a sociedade forneça os elementos mínimos e indispensáveis para o sujeito perceber isso.

No tempo de São Francisco, era evidente. A sociedade era tripartida. Eles diziam que existiam três tipos de pessoas que tinham um papel ativo na sociedade: os que trabalham;

os que combatem;

os que oram.

E tem os que obedecem a esses três. É evidente que só existem quatro dharmas. Mas a verdade é que existe o quinto dharma, mas é raríssimo no nosso tempo, então nem se leva ele em conta.

O que é o quinto dharma?

Por que as pessoas cumprem o seu dharma?

Simples. Para que a alma delas esteja em paz real, esteja efetivamente em

paz; para que os componentes da sua psique estejam organizados em uma unidade, e isso é o que garante paz na alma. Algumas pessoas nascem em paz, que é o caso de São Francisco. Algumas raríssimas pessoas nascem com todos os elementos psíquicos coesos. Em torno de uma idéia que não é consciente, mas está lá e o sujeito só se dá conta depois que é aceitação total do absoluto.

Para algumas pessoas, o centro da sua alma, o centro do seu ser, não é a obediência, não é a probidade, não é nobreza e não é a sabedoria, é Deus mesmo. Essas pessoas nascem e o ponto de partida da existência delas é algo que para as outras pessoas é um ponto de chegada na vida; elas começam onde nós terminamos. São pessoas iluminadas. Um budista imediatamente diria que esse sujeito é um Buda, é um iluminado. Um hindu diria que é um avatar, um enviado do céu. Ele não é uma pessoa comum. Um índio guarani diria que ele é uma daquelas pessoas que não veio das quatro direções, mas veio do alto.

Para essa pessoa que atingiu essa paz em torno de um centro, o problema da vida dela não é encontrar o centro e batalhar para unificar todas as partes da individualidade em torno desse centro, mas é simplesmente descobrir a expressão desse centro que ele já habita no mundo em que ele vive. Isto era claro para São Francisco desde o começo.

A primeira crise dele foi como ele poderia servir a Deus, pois ele achava que servia, mas não servia. Essa pergunta [como vou servir a Deus] não é espontânea na maioria das pessoas e para ele era. Ninguém explicou para ele que esse era o sentido da existência, mas para ele já era claro. Trata-se apenas de encontrar o contexto ou a forma de vida exterior que reflete ou confirma ou enquadra seu estado interior.

São Francisco começa a construir a igreja, mas de novo ele tem conflitos com o pai. O pai chega para o bispo e fala que Francisco é seu filho e tem que lhe servir. Na Idade Média as coisas eram muito claras, não existia um direito universal à rebeldia adolescente. Ninguém tinha direito a rebeldia. Os filhos servem os pais até estes morrerem. Até um certo estágio ele tem um papel passivo de obediência e depois um papel ativo de cuidar e essa relação era clara. Não fazer isso era violar uma lei. Não uma lei civil, mas uma lei que era evidente para os sacerdotes, tanto que o pai pode recorrer ao bispo para dizer que seu filho não está cumprindo com seus deveres.

Então, o bispo chama São Francisco e nesse momento, como São Francisco não tinha um dharma no sentido temporal, mas somente um dharma no sentido eterno e como ele já começa a cumprir esse dharma quando ele ouve a voz de Cristo, imediatamente começa a fazer. Essa plenitude do dharma conduz o homem a um estado específico que é justamente uma finalidade para nós. Naquele momento ele olha o pai, olha o bispo, e percebe que ele realmente não está cumprindo os deveres para com o pai, mas que não pode cumprir os deveres que o pai quer que ele cumpra, porque esse realmente não é seu dharma. Então ele tira as roupas, entrega ao pai e diz que a partir daquele momento ele não era mais seu pai, que ele serve a outro Pai.

Essa ruptura dele com o pai têm um sentido muito especifico. Nesse momento São Francisco se torna auto consciente do seu dharma. Ele começa a cumprir quando ele ouve a voz de Cristo, mas ele se torna consciente do que é o dharma dele. Quando ele se torna plenamente consciente do dharma dele, e de fato toda sua psique está organizada para o cumprimento desse dharma, ele se liberta do seu karma; ele se liberta da prisão histórica. Ele percebe que realmente não tem nenhum papel na sociedade e que não ajuda em nada. Das quatro coisas que têm para se fazer, ele não faz nenhuma e por isso mesmo, ele nada pede da sociedade.

Esse é o sentido da pobreza franciscana. Veja bem que não é exatamente uma renúncia, é simplesmente uma consciência da lógica absoluta dos fatos. Tanto que depois do exemplo de São Francisco, muita gente tentou fazer a mesma coisa no sentido de renúncia e 99% ficou louco, justamente porque o que São Francisco faz não é uma renuncia, mas é uma percepção de que realmente ele já não tinha aquilo antes e de fato não quer ter. Como o homem que descobre que a probidade é o centro da sua vida, ele não quer a nobreza, ele não quer o poder do nobre. É a mesma consciência só que aplicada a todos os dharmas sociais.

A pobreza franciscana não é simplesmente uma privação de bens materiais, mas uma plena consciência do seu próprio dharma.

Aluno: Nesse sentido também não é aquilo de procurar o Cristianismo fora dos mosteiros e das igrejas porque lá estava corrupto.

Professor: Não, não é, porque a maioria dos lugares não estava corrupto. Tanto não estava corrupto que quando São Francisco faz isso, o bispo fala que ele se entregou a uma outra autoridade e que seu pai não tinha mais poder sobre ele e que não poderia cobrar de Francisco nada mais em relação ao pai. As coisas eram muito claras.

Aluno: E o pai dele entendeu isso?

Professor: O pai dele nunca entendeu. Vai ter um momento em que o pai se orgulha dele, mas logo já volta ao "não entender".

Aluno: É em uma aparição pública que o pai enxerga a competência de Francisco.

Professor: Exatamente, é a competência que ele enxerga. Ele enxerga uma imagem transubstanciada dele mesmo, porque de fato é assim. Esse dharma essencial é um modelo, ou molde divino de todos os outros dharmas corretos. Todo e qualquer dharma é simplesmente um meio de servir ao próximo e a Deus.

Aluno: É a primeira vez que você usa vocábulos de outra religião para tratar de Cristianismo. Por quê?

Professor: Justamente porque o caso de São Francisco é um caso em que ele não tem explicação na antropologia ocidental. Os escolásticos não tinham categorias para explicar esse tipo humano.

Aluno: Esse início da vida do Francisco é muito parecido com o do Siddhartha Gautama, não é?

Professor: É exatamente análogo, se trata do mesmo tipo de fenômeno. Nós temos que entender que São Francisco é exatamente aquilo que um dos profetas menores era no judaísmo. Ele é um enviado de Deus para reformar a religião como um todo, ele não é apenas um santo. É diferente dos outros santos.

Aluno: Essas são as categorias para analisar dentro do Cristianismo.

Professor: No tempo de Santo Agostinho essas categorias eram claras. Santo Agostinho fala que alguns dos grandes doutores do início do Cristianismo têm exatamente o papel de profetas menores. Os escritos dos Santos Doutores fazem parte da Bíblia. Mas na Idade Média essa consciência já tinha se diluído e ninguém esperava a intervenção divina num período tão tardio e de um rapaz inculto.

Aluno: Voltando a pergunta, é você que está utilizando essas terminações [de outra religião]?

Professor: Sou eu que estou usando para facilitar, porque no conceito hindu essas categorias são muito claras. Eles falam que existem as quatro categorias, mas que eventualmente aparece alguém da quinta categoria para reavivar tudo.

Aluno: Ele [o sujeito do quinto dharma] está na categoria de Moisés e Abraão?

Professor: Não. Moisés e Abraão seriam o que os hindus chamam de avatar a maior. Moisés vem para legislar e o que Abraão faz é completamente independente do que existia antes, ele não vem vivificar o que já existia, mas vem fundar. É comparável a Isaías, Jeremias, Daniel. Esses profetas confirmam a mensagem de Moisés e dão nova vida para ela. São Francisco veio e fez a mesma coisa pelo Cristianismo. Não é a toa que ele recebeu de seus contemporâneos o título de *Auter Chisti,* outro Cristo, e em vida. Não basta que a santidade dele fosse evidente, pois muitas outras pessoas tinham uma santidade evidente, mas não recebiam esse título.

Nesse momento, em que ele entrega tudo para o pai dele, ele se liberta do karma.

O que é um karma? Um karma é um conjunto das ações suas e dos outros que geram a circunstancia concreta da sua vida. Para você nascer, alguém tem que ter construído um hospital, outro tem que ter estudado medicina, seus pais têm que ter feito alguma coisa. Junta tudo e você nasce. Esse conjunto de fatores continua agindo sobre a sua vida depois que você nasce. Num certo sentido oprimindo a sua vida. É o mundo como fato e que você todo dia tem que modificar de acordo com o seu dharma. Quando você modifica o mundo, você também está gerando karma, quer dizer, as suas ações também terão conseqüências sobre você e sobre os outros. Isso significa que você está modificando um quadro de fatos, mas está simplesmente criando outro quadro de fatos, e não ficando livre dele.

Você se torna livre do quadro de fatos quando existe em você uma total organização de todos os elementos do seu ser no cumprimento do seu dharma e uma total aceitação dos fatos que são o mundo. Quando tudo o que você faz é o seu dharma, os seus sentimentos são de acordo com o seu dharma, tudo em você é de acordo com o seu dharma e você aceita completamente o mundo como ele é, ao mesmo tempo em que você modifica e intervém nele segundo o seu dharma, a partir desse momento você não gera mais karma, você não intervém sobre o mundo como

um indivíduo que é um fragmento do mundo. Você é, de fato, a representação naquele mundo de um princípio.

Todo sujeito, quando se dá conta do seu dharma, ele percebe que o dharma dele tem um inimigo, um adversário nele mesmo.

Por exemplo: o sujeito que tem o dharma da nobreza, ele percebe que tem como inimigo o medo da morte. Combater significa estar diante da morte o tempo todo.

Por que o medo da morte é o grande inimigo do dharma da nobreza?

Porque o medo da morte é a única coisa que pode mover o sujeito a abandonar uma causa que ele acredita certa por uma causa que ele acredita errada. O sujeito de dharma guerreiro, de dharma nobre está sempre diante desse maior inimigo dele ao qual não deve sucumbir.

O inimigo do dharma empreendedor é a cobiça. Quando o sujeito falha num dos pilares da probidade que é a honestidade ou a competência, geralmente tem um elemento de cobiça, pois ela é o que pode cegá-lo em relação a essas duas coisas.

O inimigo do dharma da sabedoria é o desejo de poder. O desejo de reformar efetivamente o mundo segundo o que você já percebe dele. Esse é o adversário do sábio, do filosofo, do intelectual em geral. Esse é o inimigo natural porque o dharma do sábio consiste em retomar consciência sobre os dados fundamentais da existência humana, aqueles que todos precisam saber de algum modo ou de outro para que eles sejam felizes, para que a vida seja boa e etc. Você precisa entender de novo o que é ser humano, o que é o cosmos, o que é a sociedade, o que é Deus e montar tudo isso organicamente na sua mente e sempre que surgir a oportunidade transmitir a informação que é possível. Quando o sujeito começa a juntar isso tudo, ele percebe que ninguém mais sabe disso e isso é indispensável. Essa tensão é que gera o desejo de poder.

O dharma de São Francisco só tem um inimigo, que não é propriamente um inimigo como o dos outros. Veja bem, o sujeito que tem o dharma da nobreza ou da probidade ou da sabedoria, na medida em que ele vai batalhando para construir uma vida em torno daquele dharma, daquele centro, o inimigo também vai crescendo e ele tem que ir lutando. No caso de um dharma como o de São Francisco, o único inimigo desse dharma é a ignorância que o sujeito tem do seu próprio dharma, é ele não ter descoberto para quem ele servia. Quando ele descobre, espontaneamente corresponde aquele dharma, de modo total, porque a alma dele já está organizada de acordo com esse dharma, ao contrário das outras almas. Em geral, eles [pessoas com o dharma como o de São Francisco] são pessoas ingênuas, eles acreditam que todos têm na alma e no íntimo a mesma paz e organização que eles têm. Eles acham que todos são daquele jeito e ele só percebe que não é assim quando ele se dá conta do dharma dele, só quando ele percebe o que ele é.

Quando São Francisco percebe o que ele é, nesse momento diante do pai e do bispo, ele renuncia as dignidades que seriam próprias de qualquer outro dharma. No momento em que ele renuncia a isso, ele para de gerar karma. A partir desse momento, nada do que ele faz o aprisiona no mundo.

Está claro para vocês que muitas das nossas ações têm por conseqüência apenas nos aprisionar num contexto?

As ações têm conseqüências imprevistas que nos são prejudiciais. Isso é karma, simplesmente as conseqüências imprevistas e imprevisíveis das ações, porque nós não podemos conhecer todo o contexto sobre o qual nós agimos.

A partir do momento em que o sujeito está realmente unificado no seu dharma ele não gera mais karma, porque as conseqüências dos dharmas são sempre previsíveis. O dharma da probidade gera prosperidade e acabou, é só isso. O efeito último, não importa que contexto humano seja, será gerar prosperidade. O dharma da nobreza será gerar justiça, o dharma da sabedoria será gerar paz e acabou, inevitavelmente. O dharma da obediência será gerar satisfação. O sujeito de índole servil que serviu alguém, que tinha um outro dharma, a vida toda, terminará a vida contente. As conseqüências dos dharma são intrinsecamente boas, e por isso o sujeito

que está completamente organizado de acordo com o dharma, de acordo com a sua função, inevitavelmente leva uma vida boa.

Isso é o que significa o elemento que se fala no evangelho: "(...) paz na terra aos homens de boa vontade[4]". Os homens de boa vontade são aqueles que usam sua vontade para organizar sua vida em torno do seu centro. Ao mesmo tempo, para fazer isso, eles precisam aceitar o mundo como ele é, eles não se escandalizam com o mundo. Ele percebe que do mesmo jeito que as pessoas em volta dele fazem coisas ruins, ele poderia fazer aquelas coisas ruins também, então ele aceita que essa possibilidade faz parte da ordem estrutural das coisas, nele e nos outros e alguém vai realizá-las.

[Alunos fazem comentários sobre traições e a revolta contra esse tipo de comportamento]

A revolta contra o mundo não faz parte de um dharma natural, ela não traz nenhum benefício para você e nem para os outros. O ideal em relação ao mundo, não é nem o amor nem o ódio, mas a serenidade em relação a ele. A aceitação de que ele é o que ele é. Essa aceitação, em última análise é uma aceitação da vontade de Deus, subentende que Deus criou o mundo tal como ele deve ser.

Essa aceitação, no simbolismo espiritual cristão, corresponde aos dois braços horizontais da cruz, à aceitação mesmo. O sujeito que abre os braços, aceitou.

O cumprimento desses quatro dharmas normais corresponde à metade inferior do braço vertical da cruz. Ou usando também a linguagem evangélica, a metade inferior do braço vertical da cruz corresponde à boa vontade, ou retidão e o braço horizontal corresponde à paz.

Não é a toa que os primeiros franciscanos adotaram a cruz "Tau" como símbolo, que é um T, pois tem o braço horizontal e a metade inferior do braço vertical. Isso indica o tipo essencial da espiritualidade franciscana. Você cumpre o seu dharma com retidão e aceita a realidade como ela é, se você fizer isso, você é franciscano. O próprio São Francisco percebeu isso mais para adiante, por isso ele aceitou a fundação da Ordem das Clarissas e da Ordem Terceira. Vocês sabem que ele fundou uma Ordem Terceira que era para pais de família? Está claro isso aí?

Aluno: Agora sim. Mas isso tudo ainda está claro para um franciscano hoje em dia?

Professor: Não. Até o sétimo superior da ordem franciscana, que foi São Boaventura, isso estava claro. Hoje a ordem franciscana aceita até Leonardo Boff. Ele era um franciscano, um frade menor.

A consciência de que a maior parte da vida humana são essas duas dimensões e que isso é uma vida suficientemente humana. Não estava subentendido nisso. O que estava subentendido nisso e que hoje em dia tem que se explicitar é que todas as pessoas tinham religião naquela época. Todas as pessoas rezavam todos os dias. Todas as pessoas tinham uma vida ritual suficiente. A vida ritual consiste no ponto de encontro dos dois braços da cruz, que atrai para a vida do sujeito a "Glória a Deus nas alturas (...)[5]", que é a metade superior da cruz.

Resumindo, nós podemos dizer que uma vida plenamente humana é composta por três componentes:

o firme e determinado cumprimento do seu próprio dharma;

a plena aceitação da realidade tal como ela é;

uma vida ritual suficientemente rica para atrair a glória dos céus.

No caso da maior parte das pessoas, a vida ritual só vai ter um efeito considerável, ou intenso, no momento da morte, ou após ela. Em alguns casos não, e o sujeito vai se tornar santo. O santo é o sujeito que cumpriu esse "T", atingiu esse estado completo e colocou uma primeira pedrinha na metade superior. Isso São Francisco faz imediatamente após sair daquela situação. Quando ele sai da cidade, ele

---

4 A passagem encontra-se no evangelho de Lucas, capítulo 2, versículo 14.

5 A passagem encontra-se no evangelho de Lucas, capítulo 2, versículo 14 (primeira parte).

começa a andar na estrada e vê um leproso e ele lembra que tem que amar aquela pessoa.

Evidentemente, uma pessoa da índole de São Francisco é uma pessoa de tremenda sensibilidade estética. Ele beija o leproso. No momento em que ele beija o leproso, ele fala que aconteceu uma coisa estranha na vida dele. Tudo o que era amargo e desagradável para as pessoas para ele se tornou doce. Isso não é brincadeira, ele não está falando metaforicamente. Realmente, o efeito subjetivo nele era ao contrário. Isso é comprovado por outros fatos posteriores na vida dele.

Tem um momento em que ele está com alguns dos frades, numa situação difícil, ninguém quer dar esmola para eles no lugar onde eles estão, e está muito frio, e ele vê um dos jovens frades sofrendo. Ele pergunta o que está acontecendo ao que o frade responde que está muito frio e está com dor. São Francisco não pedia que ninguém se sacrificasse e isso é importantíssimo acerca dos franciscanos e esse tipo de coisa ele não sofreu. Os sofrimentos da vida de São Francisco são simplesmente os estágios de mutação nessa parte superior da cruz, para chegar ao topo da cruz. É um processo, de fato místico para chegar ao topo da cruz.

É interessante que São Boaventura, que foi o sétimo superior da ordem franciscana, e um grande intelectual, pegaram e biografia de São Francisco e falaram que um fato, por exemplo, depois de ele ter beijado o leproso, significa tal grau da hierarquia celeste e que ele alcançou de um determinado jeito, teve tal sofrimento para ele ter aquela impressão. Esse sofrimento são os processos pelos quais o sujeito se dá conta de qualidades divinas. Os eventos comuns que nos causam sofrimento, não causavam sofrimento para ele.

É essencial compreender que no Cristianismo tem uma coisa que o Cristo fala e que tem que ser entendida. O Cristo fala que misericórdia é o que ele quer e não o sacrifício. O Cristo não veio para as pessoas sofrerem, ele veio para elas não sofrerem. Tanto que no Cristianismo o sacrifício dele aboliu os sacrifícios cruentos, não tem mais o sacrifício de animais. O sacrifício é vegetal, é uma oferta de pão e vinho.

Esse negócio de sofrer, se refere a outra coisa. Depois que você chegou a plena paz do seu dharma, agora você quer saber como é Deus? A questão para uma pessoa como São Francisco, a partir do momento em que ele beijou o leproso, é só uma: o que é esse Deus, quem é ele, como ele é? Isso demanda algum sofrimento, porque isso é um objetivo sobre-humano. O Cristo insistiu muito em que o ser humano tem que aceitar os sofrimentos que lhe são impostos, porque isso é 90% de aceitar o mundo como ele é, mas não involuntariamente buscar sofrimentos.

O Cristianismo se difundiu rapidamente pela Europa. A Europa era constituída de sociedades tribais de índole guerreira, a maior parte das pessoas tinha o dharma nobre e o dharma da nobreza é um dharma de sofrimento, de sacrifício. Então, para essas pessoas, muitas vezes a busca espiritual se traduzia em sofrer heroicamente por Cristo. Nós temos que entender que a maior parte das pessoas tinha esse dharma e de repente eles transfiguraram esse dharma para uma busca espiritual. O dharma nobre, é um dharma em que o conforto é prejudicial para o nobre, favorece o temor da morte. Um sujeito de dharma da nobreza, de fato, a vida espiritual dele consiste numa sucessão de sacrifícios cada vez mais heróicos, mas isso não é assim para todas as pessoas, não é a norma do Cristianismo.

Se você for olhar os apóstolos, nenhum deles buscou o martírio, todos eles foram martirizados, mas não buscaram isso. Nenhum deles virou mendigo como São Francisco, porque eles estavam plenamente conscientes de que o sacrifício de Cristo torna desnecessário todos os sacrifícios.

Resumindo, agora basta inserir na norma humana o pleno cumprimento do seu dharma e aceitação do seu karma por amor a Deus e ao próximo.

Aluno: E a si próprio.

Professor: A si próprio a gente já faz. Todo mundo ama a si próprio. Santo Agostinho fala que não existe um mandamento para amar a si próprio, porque todo mundo já faz isso. Humananamente seria supérfluo, porque já é um processo natural.

É importante entender que São Francisco não sofria como a gente sofre nas mesmas circunstâncias. O sofrimento dele era de outra ordem. Ele sofreu na primeira vez, até ele se dar conta do dharma dele, e uma vez que ele se deu conta e assumiu esse dharma completamente, só sofreu na primeira vez que teve que beijar um leproso.

Para São Francisco, naquele momento, o leproso era Cristo. Todo o mistério do Cristianismo está nisso. Você olha a vida do Cristo e você olha a paixão dele e você fala que não quer sofrer daquele jeito. Cristo fala que se você aceitar aquele sofrimento, você vai descobrir o outro lado da moeda, que é a Ressurreição. Você tem que aceitar uma coisa que é terrível para receber uma coisa que é gloriosa. Ninguém que morrer crucificado como cristo morreu, mas aceitar essa possibilidade faz parte da essência do Cristianismo. Para o sujeito que chegou a esse estado de estabilidade que é o cumprimento total do seu dharma e plena aceitação do seu karma isso consiste geralmente em alguma das coisas que mais aterrorizam o sujeito e no caso de São Francisco era beijar um leproso. Beijar aquele leproso correspondeu exatamente a morrer na cruz, para São Francisco. Naquele momento ele morreu na cruz e ressuscitou e então tudo ficou doce para ele. Naquele momento ele ficou santo. Ficar santo é isso; é quando o sujeito morre e ressuscita com Cristo. A partir desse momento, a vida de São Francisco não é mais a vida do São Francisco, mas a vida do Cristo na Idade Média. A partir desse momento, tudo que ele pensa, tudo o que ele fala, tudo o que ele sente não é mais ele, é o próprio Cristo. Esse negócio que São Paulo fala "não sou eu mais que vivo, mas Cristo que vive em mim", é mais ou menos literal.

Isso é difícil de nós compreendermos porque geralmente temos uma noção do que é Jesus Cristo muito rudimentar, muito simplificada. Se nós entendermos os elementos, os dogmas fundamentais acerca de Jesus Cristo, nós entendemos como isso funciona.

Qual o dogma fundamental acerca de Jesus Cristo?

Jesus tinha duas naturezas e uma só pessoa. Tinha uma natureza divina, uma natureza humana e em uma só pessoa.

Quem era essa pessoa?

Essa pessoa era o verbo divino.

A pessoa que eu sou é uma pessoa que eu fui construindo com o mundo. A

resposta da pergunta "quem é o Luis Gonzaga" se responde por um processo de construção, é um produto. A pessoa de Jesus Cristo não era um produto, Jesus Cristo não era um sujeito na Galiléia que tinha Deus dentro dele. Ele não é uma pessoa que se desenvolveu no decorrer de uma biografia, ele já estava pronto e este pronto não era uma pessoa humana, que por definição é um produto de uma série de acidentes e limitado. Nenhuma pessoa humana é totalmente uma expressão da humanidade ou da natureza humana.

A natureza humana opera em mim segundo as dimensões da minha pessoa, quanto mais eu construo a minha vida em torno do meu dharma real, mais a minha pessoa é a expressão de um aspecto da humanidade, de um aspecto da natureza humana.

Quando falamos que Jesus Cristo era uma pessoa divina dotada de natureza humana, significa que a natureza humana dele não era individual, ele não era um indivíduo humano, ele era um indivíduo divino. Isso quer dizer que na pessoa de Jesus Cristo estava toda a humanidade. Não a humanidade deste sujeito ou daquele sujeito, em cada um de nós não está toda a humanidade, mas nele estava. Esse engano acerca de Jesus Cristo é causa de grandes males para o mundo cristão. Ele era o verbo divino e a humanidade. O verbo divino usando a humanidade ou a natureza humana como expressão do seu ser divino.

A natureza humana de Jesus Cristo é o modelo intrínseco de todo e qualquer indivíduo humano. Todo e qualquer atributo positivo que o indivíduo humano possa ter enquanto indivíduo humano é uma participação na humanidade do cristo.

Por exemplo: uma pessoa com dharma de sabedoria, se torna sábia, essa pessoa é uma participação na sabedoria do Cristo. Não existe a nobreza de fulano e a nobreza de ciclano. Existe a nobreza de Cristo da qual fulano e ciclano participam.

Na medida em que você é realmente humano quem vive em você não é você. Você vai construindo a sua pessoa, mas quando você termina essa construção, se você construiu mesmo uma pessoa humana, essa pessoa humana não é mais você. É por isso que quando ele termina a construção dele mesmo, ele não gera mais karma, porque não é mais ele que esta agindo. Se tudo que ele faz é em função da nobreza, da probidade, da sabedoria ou da obediência que é o centro do seu ser, não é mais ele que age.

A diferença aqui entre ser cristão e não ser cristão é válido para todos os outros. A nobreza de um hindu é a nobreza de Jesus Cristo. A diferença é que se você é cristão, você pode fazer dessa participação na humanidade de Cristo um meio de identificação com a divindade de Cristo.

Se você fizer isso sendo cristão, isso para você já é vida espiritual.

Aluno: É como se fossem duas etapas. Você tem que atingir o máximo da humanidade para daí abrir a porta.

Aluno: Se trata de uma participação.

Professor: Sempre se trata de uma participação. O próprio Cristo falou: "Eu sou o ramo e vós sois os ramos". Nós não somos outros tronquinhos.

Se ele for de índole servil e for cristão, esse serviço dele é, aos olhos de Cristo, um serviço que ele prestou ao pai. Por que ele faz isso e é cristão, a qualquer momento ele pode ter a intuição da raiz divina da obediência e efetivamente alcançar uma identificação com Cristo e se tornar santo.

No Cristianismo, Deus transubstancia o homem. Isso é um meio de você, sendo humano, tornar-se divino. Deus se fez homem para que o homem se fizesse Deus.

Na medida em que o sujeito completa o edifício da probidade, fazendo isso por amor a Deus e amor ao próximo, a qualquer momento ele pode intuir a raiz divina da probidade, ou seja, a que a probidade corresponde na natureza divina de Cristo. Nesse momento ele se torna santo. Isso é o Cristianismo.

É por isso que o Cristianismo é uma oferta desproporcional. Você vai fazer o que todos os outros seres humanos vão fazer, mas você tem a chance de, ainda nesse mundo, receber uma recompensa desproporcional.

Aluno: Eu achei que fazendo isso ele se tornava eterno, ou tinha a sensação da eternidade.

Professor: Não. É que todos nós podemos fazer completamente o nosso dharma, aceitar o mundo como ele é e ter uma vida ritual correta. Isso todos nós podemos fazer. Isso ocasionar efetivamente uma intuição da divindade de Cristo, já não é assim. Isso é o Cristo quem faz, se ele quiser. Se ele vai te dar a santidade antes da morte ou depois da morte, é ele quem sabe. Isso não é iniciativa nossa. Como ele mesmo disse: "Ninguém acende uma lâmpada para encobri-la".

A maior parte dos cristãos falha em um dos três elementos. Ou o sujeito não se dá conta do seu dharma, e aí não consegue construir uma vida em torno desse dharma, ou o sujeito não consegue aceitar a realidade tal como ela é, ou não leva uma vida ritual adequada. É muito difícil juntar os três fatores completamente.

Aluno: O que é cumprir a vida ritual?

Professor: O Cristianismo tem várias formas de vida ritual. A vida ritual consiste simplesmente em você efetivar certos atos que correspondem analogicamente ou simbolicamente à visão que Deus tem da humanidade.

Por exemplo: a missa. A missa é um ciclo ritual completo. Pelo menos na missa tradicional. A missa tradicional tem três etapas, três elementos fundamentais, que são:

o ofertório, que é pegar pão e vinho e oferecer a Deus. Essa oferenda corresponde à aceitação do seu karma;

a consagração das oferendas. Aquele pão e vinho vão ser transformados misticamente no corpo, sangue, humanidade e divindade de Cristo. Isso corresponde ao cumprimento pleno do seu dharma;

depois de consagrado, você vai comungar daquilo. Você vai tomar um alimento e como diziam os santos padres: "os alimentos comuns, quando você os ingere, você transforma eles em você; esse aqui vai transformar você nele".

Um outro rito que é exatamente equivalente é a leitura da Bíblia do começo ao fim. A Bíblia não é apenas uma narrativa da história, um conjunto de histórias ou um capitulo da imensa história humana. É uma síntese do sentido divino da história. É por isso que ela começa com eventos que são pré-históricos e começa com eventos que são pós ou meta históricos. Ela começa com o Gênesis e termina com o Apocalipse.

A Bíblia também tem três etapas claramente marcadas. Uma etapa pré- histórica, um período intermediário histórico e um epílogo supra histórico. Essas três partes correspondem exatamente às três partes da missa.

Um outro exemplo é o rosário com suas três sucessões, três ciclos de mistérios, os mistérios dolorosos, mistérios gloriosos e mistérios gozosos, são exatamente a mesma coisa; ofertório, consagração e comunhão. Um rito é uma síntese de toda a existência humana, do que é o ser humano do ponto de vista de Deus, do que Deus pensa quando vê a humanidade. Portanto a participação regular nos ritos consiste numa assimilação simbólica do ponto de vista divino sobre a humanidade e, portanto numa virtual identificação com esse ponto de vista divino. Sem esse componente é impossível o sujeito completar essa cruz. A vida ritual regular corresponde simbolicamente a construção da metade superior do elemento vertical da cruz.

Para que um sujeito faz um rito?

Para render glória a Deus e acabou, nada mais. Nós só vimos aqui as três formas principais da vida ritual cristã. Existem outras, como por exemplo, os monges, num determinado ciclo recitam todos os salmos, os cento e cinqüenta salmos. Todos eles também são uma síntese disso tudo. Na verdade eles correspondem a todas as reações legitimas dos seres humanos diante das circunstancias. Eles expressão todos os sentimentos humanos segundo a norma divina. Então eles também são um rito.

A vida ritual é fazer isso regularmente. Por exemplo, o sujeito que todo dia reza um terço, um dia os dolorosos, em outro os gozosos e em outro os gloriosos. Todo dia ele tem uma vida ritual regular; da mesma forma o sujeito que toda semana ele vai à missa; o sujeito que, todos os dias, lê dez páginas da Bíblia e quando acaba, ele começa de novo.

Normalmente os efeitos da vida ritual só serão sentidos no final da vida, mas é justamente a vida ritual que vai permitir ao sujeito que esteja destinado à santidade, a intuição do divino, que efetivará a santidade dele.

São Francisco vai pautando as ações dele por frases do evangelho e isso é uma vida ritual pra lá de plena. Essa vida é um rito permanente.

O que uma vida ritual permite, o que ela ocasiona no sujeito?

Vida ritual tem efeitos a longo prazo. Dificilmente para um sujeito que rezou uma vez ficou tudo evidente. Normalmente ela tem um efeito cumulativo.

Ela permite que o sujeito intua Deus segundo os dois aspectos da misericórdia e da majestade. A nossa idéia de Deus oscila entre um Senhor soberano que está acima de todas as coisas e um Pai bondoso que está cuidando de todas as coisas o tempo todo. Um soberano distante ou um pai próximo, mas Deus é as duas coisas ao mesmo tempo e entender Deus é entender as duas coisas numa só concepção. É isso que uma vida ritual permite. Ela permite uma concepção adequada de Deus.

Por isso que todas as religiões vão falar para você que não adianta você tentar entender, mas tem que primeiro aceitar, começar a praticar para então entender.

Em geral, esse é um dos elementos mais desprezados da vida cristã, hoje em dia. As pessoas não entendem a necessidade intrínseca de uma vida ritual regular. Elas pensam que isso não tem importância, pois elas rezam para Deus e rezam sinceramente, mas a oração delas não é um rito, é uma ação individual.

# Parte II

É muito fácil nós descuidarmos de um desses elementos da vida cristã. É fácil conhecer pessoas que rezam muito, mas que não organizam sua vida segundo um dharma. Outras pessoas vivem segundo o dharma delas, mas se revoltam com o mundo, ou não tem vida ritual. Nos dias de hoje é muito difícil encontrar um cristão que está tentando construir todos esses elementos organicamente e é só isso que faz com que a nossa sociedade seja menos cristã do que a sociedade medieval. É a fragmentação desses elementos. Claro que uma vida ritual completa subentende a vida ritual no sentido sintético e no sentido analítico.

No sentido sintético é a participação regular em algum rito, como por exemplo, a oração do terço, ou a leitura da Bíblia do começo ao fim ou a freqüência regular a missa e isso só se recomenda se o sujeito encontrar uma missa muito boa e um padre que não seja completamente imbecil. Segundo o direito canônico, e os padres não vão falar isso para você, você não pode ir numa missa assim, é proibido. Segundo a lei do cristianismo, se você vai a uma missa e o padre começa a falar bobagem, é proibido ir. Se você for perguntar ao padre, ele não vai te dizer isso, mas se você ler o direito canônico você vai descobrir isso.

No Brasil é muito difícil encontrar uma missa que não seja assim, então você tem que lançar mão das outras formas de vida ritual cristã, até que Deus crie uma situação favorável e você possa encontrar uma missa conveniente.

Essa vida ritual regular é o modo sintético da vida ritual. Fora isso tem o modo analítico, além da vida ritual regular, você tem que rezar por todos os outros motivos. Tudo o que você quer, tem que primeiro pedir a Deus e depois ir fazer. Rezar por tudo quanto é motivo humano é perfeitamente normal. Muitas pessoas hoje não entendem isso. Elas acham que você não pode rezar para ter saúde, rezar para ter dinheiro. Você pode e deve. Se você quer saúde, se quer dinheiro, você pode e deve rezar para isso. Você não pode só fazer isso, mas você tem que fazer isso também. Esse é o primeiro componente do modo analítico da vida ritual.

O segundo componente é a esmola. Cristão tem que dar esmola regularmente. Não existe Cristianismo sem esmola, porque o Cristo viveu de esmola, durante toda a sua obrigação. E além da esmola, o jejum. Cristão tem que jejuar, mesmo que ele reduza o jejum a não comer carne durante a quaresma, ou ainda que ele resolva não comer carne na sexta feira santa. Pelo menos naquele dia ele tem que pensar que basta que o sangue de Cristo seja derramado. Não é preciso que nenhum outro sangue seja derramado. Veja bem, comer carne é derramar sangue. Naquele dia pelo menos, o sujeito tem que falar: "Hoje só me basta Deus." Idealmente o sujeito deveria fazer isso durante toda a quaresma. Todos os cristãos sempre fizeram.

Essas quatro coisas, quer dizer, um rito específico e mais esses três componentes regulares da vida, é uma vida ritual completa.

Aluno: Tem que fazer a oração, além do rito?

Professor: Sim, além do rito. O rito é para a glória de Deus. Mas, por exemplo, você tem um parente que está doente e vai rezar por ele, isso é outra coisa.

Aluno: O jejum seria somente da carne?

Professor: Em princípio, pode ser um jejum completo. Poderia ser o sujeito comer pão e agua no dia, ou só comer uma refeição no final do dia. O jejum tem várias modalidades. O mínimo dele é a abstinência de carne. E o mínimo do mínimo é a abstinência de carne da sexta feira santa.

Tudo isso que nós estamos falando, não é porque nós queremos que alguém seja fanático religioso, mas é porque isso é Cristianismo. A aceitação da realidade tal como ela é e da sua vida. A aceitação dos fatos que te acontecem, e a organização da sua vida segundo um dharma. Essas três coisas são o Cristianismo. Foi isso que Cristo propôs que a gente fizesse. Isso é tomar a sua cruz.

Você não precisa virar um monge contemplativo, a menos que esse seja o se dharma, mas é de fato viver uma vida que é essas três coisas. É chegar ao seu leito de morte e falar que todo o seu esforço consciente foi para isso, foi para construir sua

cruz. E por incrível que pareça, essa não é uma cruz de sacrifício, o sacrifício de Cristo bastou. Fazer isso não é um fardo para o ser humano, mas uma libertação.

O ser humano sem dharma, o que não aceita o mundo, o que não tem vida ritual é infeliz. Ele sofre. Na medida em que ele faz isso, efetivamente ele está livre de sofrimento. Então não é um sacrifício, é uma misericórdia de Deus. Realmente Deus não quer sacrifícios, porque o sacrifício de Cristo substituiu todo e qualquer sacrifício, ele é suficiente.

Aluno: Então, o jejum é entendido como o que?

Professor: O jejum não é compreendido como sacrifício. É um dia em que o sujeito fala: "Eu sou um homem e só Deus me basta". O jejum é compreendido como o ser humano ter sido criado "só" e algo nele está só diante de Deus sempre e aí ele lembra disso.

Aluno: Não só de pão viverá o homem.

Professor: Exatamente. Não só de pão viverá o homem, mas de cada palavra saída da boca de Deus. É exatamente isso, um ato ritual. Se não me engano, o próprio São Francisco falou que qualquer jejum que não seja isso, não passará de fome e sede. Se você faz um jejum assim só para sofrer, qualquer pobre miserável sofre mais do que você, então ele já fez mais. É uma afirmação que agora só Deus te basta, assim como a esmola é uma afirmação de que Cristo está presente em cada indivíduo humano.

Deus não quer muito de nós, e muito menos quer formas padrão de comportamento exterior. Deus não fez robôs, ele fez seres humanos. Deus não quer que você seja pobre como São Francisco ou rico como Lázaro. Não é nem uma coisa nem a outra. Como disse São Paulo, referindo-se aos que fizeram jejum e os que não faziam, "o que come não despreze o que não come; o que não come, não julgue o que come". Isso vale para tudo.

Aluno: É o oposto da modernidade.

Professor: É o oposto da modernidade, porque todas essas coisas podem ser feitas para glória de Deus, todos os dharma humanos podem ser feitos para Deus. Isso que quer dizer quando Cristo fala que pegou todos os tipos humanos, menos os filhos da perdição. Como, por exemplo, vamos ver na vida de Santo Inácio. Santo Inácio é um típico sujeito de dharma de nobreza, e que transpõe esse dharma para a santidade. Mas, no caso dele, se um santo qualquer jejuou quarenta dias, ele teve que jejuar oitenta. Deus pode até querer isso de um sujeito com dharma nobre, de alguns, mas da maioria de sujeitos com dharma da nobreza, Ele quer apenas que eles sejam nobres, que eles cuidem da coletividade como um todo. Tudo que é humano é cristão. O que Deus quer não é um imenso sacrifico que vai nos desviar do rumo intimo que demos para a nossa vida, mas a confirmação desse rumo. As regras para isso são muito simples, e muito poucas.

Aluno: São Francisco, quando começa a enfrentar a burocracia da Igreja, aí já deixou de ser a história da santidade dele, mas passa a ser da burocracia.

Professor: Acontece que, de fato, o dharma de São Francisco, que é o quinto dharma, não entrava nos esquemas conceptuais das autoridades na época, mas a santidade dele era tão evidente que eles não tinham como resistir.

Um pouco antes da época de São Francisco aparecem alguns sujeitos de tipo semelhante, só que eles chegavam falando o que todos tinham que fazer e diziam que o povo estava errado. São Francisco faz o contrário. Ele dizia que tudo estava certo.

Aluno: Ele até se assustou quando toda uma cidade quis se converter.

Professor: Exatamente. Mas ele falou que não precisava, que não era esse o sentido do que ele estava fazendo ali. Todos seguiam as regras nessa época, mas julgavam os que não seguiam. Quando São Francisco aparece, todos percebem que ele não estava julgando, mas só estava fazendo o evangelho. O povo pensava que se o que ele estava fazendo era o evangelho, então o que eles faziam não era, e isso gerava um conflito.

O entrave burocrático inicial não foi de maldade, de má vontade, foi uma deficiência conceptual. A maior parte dos bispos quando viu São Francisco teve um sentimento de felicidade espontâneo, mas eles não sabiam como enquadrar aquilo.

Não é certo dizer que todos eram maus e que São Francisco era um homem bom que veio reconstruir o Cristianismo que tinha acabado. Não. O Cristianismo tava num momento de auge, num momento de apogeu e é justamente num momento em que todos os dharmas normais se realizam de modo cristão é que se abre a possibilidade para uma pessoa como São Francisco. Uma pessoa como São Francisco não é possível num ambiente não cristão; só se for o próprio Cristo.

Tanto que existiram várias reproduções bem sucedidas da obra franciscana, ou seja, viver exatamente como São Francisco vivia, no decorrer da história. Todas começaram com um sujeito que entrou numa ordem monástica, passou anos rezando, realizou seu dharma, quando chegou ao momento de estabilidade, Deus pediu a ele que fosse viver como São Francisco. Quando esse sujeito foi viver como franciscano, no primeiro ato ele já ficou santo. Isso, segundo os biógrafos e as autoridades em teologia mística da época, não só São Francisco como seus doze primeiros companheiros estavam nesse estado. Um dos doze primeiros companheiros tinha dharma sacerdotal, o outro era nobre, o outro era vendedor, o outro era mendigo, ou seja, das pessoas que estavam cumprindo seu dharma, delas saíram os primeiros companheiros de São Francisco. Todos eles eram pessoas que já tinham atingido sua plenitude. Eles estavam em um estado análogo ao de São Francisco e quando eles entraram naquilo, na hora ficaram santos. Foi o salto final, foi a coroa, sobre uma vida que já era completa e plena.

A vida franciscana só é possível para seres assim, porque não é uma renuncia. Renúncia é fazer jejum, dar esmola, isso é renuncia, criar os filhos, trabalhar. Renúncia implica um elemento de esforço, que não estava presente nos primeiros franciscanos. Todos eles viram aquilo como uma recompensa, uma coroa divina a tudo aquilo que eles estavam fazendo antes e de fato para eles foi isso. Foi receber uma coroa de divindade por ter cumprido o seu dharma de maneira tão completa, tão perfeita e é por isso que eles não julgavam o mundo, eles queriam cristianizar o mundo, o que é muito diferente. Eles não estavam fazendo deles a medida do mundo, mas sim de Cristo.

Uma grande santa, que se não me engano era da Ordem Terceira Dominicana, ela era mãe de família e tinha um monge discutindo com ela sobre as glórias do celibato e que um monge ama mais a Deus. Ela falou que se um monge amasse mais a Deus do que ela, ela se tornaria monge. Ela falou que isso é ridículo, é impossível, porque um estado de vida não pode ser empecilho espiritual, senão não seria um estado de vida legítimo, não seria admissível do ponto de vista cristão.

Você não pode ser criminoso e cristão. São dois lados do seu ser que estão em conflito um com o outro. Ou predominará um ou predominará o outro. Ser criminoso não é uma opção humana, mas ser empreendedor, ser nobre, ser sábio, são AS opções humanas e estas não podem estar, em nenhuma medida, em conflito com os dois preceitos fundamentais, que é amar a Deus sobre todas as coisas e amar ao próximo como a si mesmo. Se elas estivessem em contradição com isso, os grandes santos e bispos teriam dito que não dá para viver assim, o próprio Cristo teria falado.

Aluno: E se está escrito na Bíblia "crescei e multiplicai-vos", o celibato não deve ser condição.

Professor: Vocês sabem que de todos os apóstolos, só dois eram celibatários. São João e São Paulo. Todos os outros eram casados. Lá em Atos dos Apóstolos vão existir duas ou três ocasiões em que eles ficaram hospedados da casa da sogra de Pedro. É impossível que São Tiago, Santo André, São Pedro fossem menos cristãos que São Paulo.